

Editorial

No seu último número deste ano, a *Revista Brasileira de História da Educação* reúne textos preocupados com diferentes formas de circulação dos saberes pedagógicos. Os discursos que os impressos de destinação pedagógica, os manuais didáticos, os programas de ensino, os sistemas filosóficos ou as instituições escolares veiculam não parecem interessar somente pelo que expressam ou significam. Têm se mostrado igualmente importantes para a história da educação os trajetos que cumprem, a materialidade que os dá a ler, o modo como, enfim, são apropriados. Nesse sentido, apresentamos dez artigos e uma entrevista que, de diferentes perspectivas, articulam, ao estudo dos processos de escolarização dos saberes, a preocupação com sua circulação.

A entrevista conduzida por Gladys Mary Ghizoni Teive e Maria de los Ángeles Rodríguez Álvares abre este número, trazendo o depoimento de Augustín Escolano Benito, uma das maiores referências da história da cultura material da escola, acerca da pesquisa sobre esse tema. Augustín Escolano Benito criou e conduz o Centro Internacional de La Cultura Escolar (CEINCE) e há anos vem animando a discussão sobre a cultura escolar em publicações diversas.

Os artigos de Renan Gonçalves Bressan, Sônia Câmara, Paula Cristina David Guimarães, Itamar Freitas e Arlette Medeiros Gasparello constituem um primeiro conjunto de textos. Renan Gonçalves Bressan compreende a história das instituições escolares como parte dos processos de urbanização das cidades, percebendo a escola no seu papel de mediação entre os processos de urbanização e os movimentos

populacionais. Sônia Câmara analisa a criação do Serviço de Inspeção Sanitária Escolar no Distrito Federal, visitando a obra do médico Arthur Moncorvo Filho. A maneira como ficam associadas, na análise, a produção intelectual e as iniciativas de institucionalização da assistência à infância e à saúde explora a interface entre os saberes médicos e pedagógicos e as suas instituições na cidade do Rio de Janeiro. Paula Cristina David Guimarães investiga os discursos sobre a escolarização da infância pobre. Debruçando-se sobre a Revista do Ensino de Minas Gerais, pergunta sobre os dispositivos de produção de verdade no interior dos discursos que esse periódico veiculou sobre a educação da criança pobre entre 1925 e 1930. Itamar Freitas, em uma perspectiva de longa duração, examina a obra de dois filósofos, para discutir o ensino de História como disciplina de formação das pessoas. A partir da análise de textos de Kant e Condorcet e do interesse sobre os usos da história, propõe que, mesmo antes do século XIX, “a história foi pensada como saber fundamental à formação de pessoas”. Enfim, Arlette Medeiros Gasparello discute a produção didática de Charles Seignobos, de João Ribeiro e Jonathas Serrano e mostra como suas obras participaram do processo de construção da História como disciplina escolar.

Um segundo conjunto de artigos vem organizado na forma de dossiê por Vera Teresa Valdemarkin e Vera Lucia Gaspar da Silva e articula cinco análises sobre a circulação do conhecimento pedagógico em manuais escolares no Brasil e em Portugal entre 1850 e 1950. No texto de abertura do dossiê, Vera Valdemarkin analisa os manuais didáticos produzidos para uso em cursos de formação de professores entre 1851 e 1932 e ressalta a contribuição desse tipo de material para as criações do discurso pedagógico e para a legitimação dos procedimentos práticos aos professores. Em seguida, manuais pedagógicos brasileiros e portugueses são novamente abordados, agora por Vera Lúcia Gaspar da Silva, para compreender a configuração material da escola a partir da análise dos saberes e das ideias que, à época, esse material pôs em circulação. Seu estudo envolve a cultura escolar, a partir da perspectiva do seu provimento material. Carlos Manique da Silva discorre sobre a forma como os manuais de ensino brasileiros e portugueses fizeram circular

saberes que deviam ser utilizados pelos normalistas. Nesse sentido, foi de seu principal interesse mostrar como a discussão sobre os modos de ensino aparece no material pesquisado. Já a preocupação de Rosa Fátima de Souza, ao se debruçar sobre os manuais de Pedagogia e de Metodologia que circularam no espaço luso-brasileiro na passagem do século XIX para o XX, é com os saberes constituídos em torno dos programas escolares disseminados por meio desses manuais para a formação de professores. O papel de intermediador entre a teoria e a prática desses manuais é explorado no sentido de identificar os saberes então incipientes “da tecnologia curricular que se configuraria de forma sistemática no alvorecer do século XX”. O artigo de Maria Teresa Santos Cunha encerra o dossiê, com uma discussão sobre as prescrições para a leitura em manuais escolares para o Curso Normal. O tema também é pensado a partir do espaço luso-brasileiro, mas para o período das décadas de 1940 a 1960. Trata-se de um estudo da produção e circulação de um desses manuais, o de Aquiles Archêro Júnior, *Lições de Pedagogia*, edição de 1955; na interface que teve com uma produção portuguesa que é citada na sua bibliografia: *A arte da leitura*, de Mário Gonçalves Viana, edição de 1949.

Gostaríamos de lembrar aos leitores e sócios que a *Revista Brasileira de História da Educação* mantém fluxo contínuo de avaliação de artigos, dossiês e resenhas e espera a contribuição de todos para garantir a circulação e o intercâmbio das produções e de resultados de pesquisas no campo da História da Educação.

Comissão Editorial da Revista Brasileira de História da Educação

